



# DEUSA VIVA

Uma publicação do Círculo de Mulheres da Teia de Thea  
Lua Cheia, Março de 2010, nº 125



Mirella Faur

*Ishar, Rainha do céu da Babilônia*



*“Criadora de todas as coisas, Protetora de todas as criaturas,  
Grande Mãe, que trouxe a vida pela Lei do amor e do caos criou a  
harmonia, ouça a minha prece, faça-me compreender o meu destino,  
perdoe as minhas falhas e sustente-me nas provações!”*

*“Senhora e Deusa, Rainha das cidades, Luz do mundo e do céu  
Mãe com ventre abundante, Fonte de luz cujo poder é eterno  
Senhora do céu e da Terra, Criadora e Protetora,  
Que recebe nossas súplicas  
Ouve nossas preces e rege nossos destinos;  
Do Seu lado direito fica a justiça, do esquerdo a bondade  
Do Seu Ser emana vida e bem estar, no Seu olhar brilha a  
compaixão,*

*Peço que olhe para mim e aceite minhas preces  
Pois é Seu o Poder, a Magnificência, a Sabedoria, a Força  
Que guiam e sustentam as mulheres que chamam o Seu sagrado  
nome”.*

*Preces gravadas em tabletes de argila encontradas em escavações.*

Amplamente cultuada e conhecida sob vários nomes em diferentes países, Ishtar era uma das manifestações da Grande Mãe do Oriente, a Magna Dea. Existem várias suposições sobre a origem de Ishtar, cujo mais antigo templo encontrava-se próximo às ruínas da antiga cultura neolítica de Çatal Hüyük em Anatólia, datado de 5000 anos a.C. Por ser seu mito, simbolismo, histórias, costumes e rituais semelhantes aos da deusa suméria Inanna, acredita-se que o culto de Ishtar seja a continuação do culto sumério.

Porém, independentemente da sua origem – Anatólia, Suméria, Levante – Ishtar tornou-se uma deusa muito popular, reverenciada pelos semitas da Mesopotâmia central, onde floresceu a cidade de Babilônia, repleta de ricos e belos templos, dos quais se sobressaía o da deusa Ishtar. O berço da civilização da Mesopotâmia foi a planície de Sumer, habitada desde o quarto milênio pelos sumérios, inventores da escrita cuneiforme e possuidores de uma opulenta e próspera civilização, que despertou a cobiça dos acadianos, tribos semitas do deserto de Síria, que a conquistaram. Apesar de serem dominados, os sumérios conseguiram manter e impor sua cultura e religião aos semitas.

Ishtar possuía características ambíguas, ao mesmo tempo personificava a força criadora e também a destruição da vida, sendo representada pelos ciclos da vegetação e as fases lunares. Como deusa do amor e da fertilidade, ela propiciava a reprodução e abundância vegetal, animal e humana; como deusa da guerra e da

morte personificava a Natureza que dá e tira a vida, que se vingava da ignorância e destruição humanas nas épocas de inundações e tempestades e derrubava as montanhas e os inimigos.

Inúmeros eram Seus títulos (similares aos de Inanna) e nas escrituras da Babilônia era chamada de: Luz do mundo, Condutora das hostes celestes, A que abre o ventre, Juíza imparcial, Doadora da força, A que dá as leis, Senhora da Vitória, Mãe que perdoa, A que brilha, Mãe divina, Estrela matutina (seu aspecto guerreiro) e vespertina (sua face sedutora), Criadora de tudo, Senhora do céu e da Terra, Protetora da humanidade, Regente da sabedoria celeste, Guardiã da lei e da ordem, Rainha das terras, Pastora dos campos, Senhora do tempo e dos ciclos, Possuidora das tábuas dos registros das vidas, Fonte das profecias, Deusa do combate e da vitória.

Muitos destes títulos, bem como várias preces babilônicas direcionadas para Ishtar, foram usadas para o Deus do Velho Testamento, as frases das invocações e as metáforas da Deusa copiadas pelos rabinos e as preces adaptadas para Maria, junto com algumas das Suas imagens (a Lua crescente) e histórias (o filho que morre e ressuscita).

Fontes antigas revelam que Ishtar era a mesma Grande Deusa cultuada no Oriente próximo como Déa Síria, Atar, Astarte, Ashtoreth, Anath, Asherah, Mari e difamada na Bíblia como a Grande Prostituta Vermelha da Babilônia, padroeira das prostitutas. Na realidade, as

sacerdotisas dos Seus templos eram honradas como rainhas na Ásia menor e admiradas pela sua sabedoria e conhecimento, que lhe conferiam poderes de cura através dos rituais de amor. Como personificações de Qadeshet - a Rainha celeste da Palestina – de Inanna e de Ishtar, as prostitutas serviam nos templos como emissárias destas deusas para conduzir os homens para se conectar com Ela ou curar seus males e aflições. Era um costume antigo que cada mulher da Babilônia servisse como sacerdotisa do amor uma vez na vida, costume continuado na Grécia helênica, nos templos da Afrodite e em Roma, no templo de Vênus e Juno Sospita. As sacerdotisas chamadas Ishtaritu ou Qadishtu atuavam como veículos da Deusa, proporcionando aos homens uma experiência extática, que lhes abria os canais para receberem a energia divina em um ato de amor e partilhando com eles o dom de Ishtar- a sexualidade sagrada - enquanto lhes ensinavam esta invocação:

*“Reverenciai Ishtar, a suprema Deusa, Rainha das mulheres. O Seu corpo é vestido de amor e prazer, Sua essência é de ardor, encanto e voluptuosa alegria, Seus lábios são doces como mel, Sua boca dá a vida. Sua proximidade proporciona plenitude e a felicidade atinge o auge quando Ela se faz presente, pois Ela é gloriosa, poderosa, exaltada, esplêndida e respeitada por todos os deuses, que A reverenciam e perante Ela se inclinam chamando-A de Rainha.”*

As cortesãs ou prostitutas sagradas eram consideradas “virgens” (hierodulas ou vestais) não no sentido físico, mas por permanecerem solteiras, assim como também eram as deusas Ishtar, Anath, Asherah, Mari, que eram cultuadas como Kadesh, a “Grande Virgem” ou Hierodula Celeste. O casamento sagrado ou hieros gamos era a encenação da fertilidade da vida humana, animal, vegetal, em que homens e mulheres participavam em ritos de sexo sagrado do processo de vida e regeneração, rituais que eram abençoados pela Deusa e realizados nos Seus templos. Devido à importância dos ritos sexuais nas culturas pagãs, o cristianismo difamou seu simbolismo sagrado e o equiparou com pecado, promiscuidade e imoralidade.

O mito de Ishtar descreve Sua chegada na Terra vindo do planeta Vênus, acompanhada pelas Ishtaritu, Suas mulheres sagradas, que depois foram viver nas margens dos rios Tigre e Eufrates. Nas terras semitas as imagens de Ishtar a representavam de diversas maneiras: como soberana coroada com chifres ou com uma tiara encimada por um cone (a representação da montanha sagrada), segurando uma espada, um cetro envolto por serpentes ou os chifres de um touro, como guerreira com asas ou flechas saindo dos seus ombros, armada com arco e flecha, pisando sobre um leão ou carregada numa carruagem puxada por sete leões, acompanhada por dragões, sentada no trono ou voando nas asas de um grande pássaro, segurando seus seios, elevando o ramo sagrado, cercada por suas sacerdotisas, que formavam uma estrela de oito pontas ao seu redor.

Ao longo dos rios Tigres e Eufrates os povos semitas reverenciaram durante milênios a Criadora da vida com inúmeros hinos que louvavam Sua força, poder e sabedoria. As preces a Ela direcionadas foram gravadas sobre tabletes de pedra, com caracteres cuneiformes escritas nas várias línguas semitas: akkadiana, canaãense, hebraica, aramaica e árabe, originárias de Líbano, Israel e Síria (o antigo Levante) e o atual Iraque (a antiga Mesopotâmia), entre os quais se estendia o deserto sírio. A reverência à Deusa conhecida como Astarte, Ashtoreth, Atargatis, Asherah, Anath, Shapash começou no Levante, enquanto o culto de Mami, Aruru e Ishtar era da Mesopotâmia.

As imagens e a natureza de Ishtar foram influenciadas pelas crenças religiosas de Anatólia e integradas com o culto da suméria Inanna, substituindo-o depois em Erech, no Golfo Persa. Junto com as fontes de Suméria, Anatólia e Egito, as evidências do culto da Deusa entre os povos semitas constituem um dos mais antigos registros escritos, culto que antecedeu os períodos bíblicos e foi adotado depois pelos hebreus, muçulmanos e cristãos. Os babilônios preservaram a mitologia, linguagem, literatura e as práticas religiosas dos sumérios, traduzindo todo o acervo para a sua língua akkadiana e transmitindo a cultura suméria para Anatólia, Assíria, Canaã durante pelo menos dois milênios, após a conquista da Suméria pelos povos de Assíria. Nos templos de Assur, Arbela, Kalah e Nineveh as sacerdotisas de Inanna e Ishtar serviam com oráculos, respondendo questões de vida, morte, doenças e diversos tipos de problemas maiores ou menores. Os nomes destas sacerdotisas oraculares ficaram gravados nos antigos registros dos templos, mantendo assim viva a memória das mulheres que serviam aos seus povos transmitindo mensagens da Deusa.

Nas noites de lua cheia- Shapatu - assim como nas de lua nova eram feitas oferendas de comidas e bebidas nos altares de Ishtar, em que tinha yonis de lápis lazuli e estrelas ou rosáceas de ouro de oito pontas, oito sendo o número do ano sagrado quando era reconciliado o tempo lunar e solar, a lua cheia coincidindo com o dia mais longo ou mais curto. O zodíaco era chamado de “Cinto de Ishtar (ou Inanna)” e nas imagens a Deusa aparecia cercada por um círculo de estrelas, sendo às vezes identificada com Sirius, a estrela mais brilhante e associada com as constelações de Virgem e Escorpião.

De todos os mitos de Ishtar um dos mais relevantes é a sua descida para o mundo dos mortos em busca do seu amado Tammuz, ferido mortalmente por um javali. Tammuz tinha recebido o cajado de pastor da Deusa, sendo escolhido como parceiro para o rito de hieros gamos, o casamento sagrado celebrado durante o festival de Akitu. Assim como Inanna, Ishtar passa por sete portais, em que é despida das suas insígnias reais, jóias e vestes (cada objeto representando um dos seus sete atributos: beleza, amor, saúde, fertilidade, poder, magia e domínio sobre as estações do ano) aparecendo nua na frente de Alatu, a Senhora do submundo e lá permanecendo durante três dias de escuridão, frio e letargia. Enquanto a Deusa está presa no mundo subterrâneo, a vida fenece sobre a terra, a vegetação seca e os rios se esvaem. Depois deste teste de desapego, Ishtar recupera seu poder e sua glória como rainha do céu e da Terra e traz de volta seu amado Tammuz, a vida renascendo sobre a terra, os campos se cobrindo de vegetação e os rios correndo alegremente. A morte de Tammuz era comemorada com o nascer de Sirius junto do Sol, no final das colheitas, quando os raios solares queimavam o deus verde da vegetação e sua morte era chorada pelas mulheres em luto solidário com a dor de Ishtar, enquanto tocavam flautas, címbalos e tambores.

Este mito é semelhante ao de outras deusas como Inanna e o seu consorte Damuzzi, Ísis e Osiris, Anat e Baal, Afrodite e Adônis. As deusas do Oriente



próximo tinham além dos atributos de fertilidade e de amor, o dever de proteção do seu povo como deusas guerreiras, guardiãs das leis e da liderança. Os Seus consortes chamados de "Filhos fieis" ou "Senhores verdes, pastores do povo" eram associados à vegetação, às colheitas e a fecundidades dos rebanhos de gado, cabras e ovelhas.

A dança dos sete véus é associada ao mito de Ishtar, tendo sido um dos mais belos e misteriosos ritos antigos realizados em homenagem aos mortos. A sacerdotisa oferecia a dança para a Deusa, que nela existia e que lhe dava a beleza, o poder de sedução e a força. Durante a dança ela retirava todos os adereços do seu corpo, além dos sete véus, para simbolizar sua entrada no mundo dos mortos sem apego aos bens materiais, em analogia a Ishtar. Com o passar do tempo os sete portais passaram a simbolizar os sete planetas antigos (representados na dança como as qualidades e defeitos que influenciam o temperamento das pessoas), as sete cores do arco-íris e os sete chacras. A dança passou a ser realizada não mais por sacerdotisas mas por bailarinas, que se limitavam a retirar os véus, o véu representando o que ocultamos dos outros e de nós mesmas, a retirada e o cair de cada véu simbolizando a queda das vendas, a abertura da visão, a descoberta da verdade, o fortalecimento interior e o despertar da consciência rumo à evolução espiritual. Cada cor do véu



corresponde a um planeta e um chacra, cuja correspondência tradicional é descrita a seguir.

O véu amarelo representa o Sol, elimina o orgulho e a vaidade excessiva, trazendo a alegria, esperança e confiança. O véu laranja representa Júpiter, que dissolve o impulso dominador e dá vazão ao sentimento de proteção e ajuda ao próximo. O vermelho representa Marte, significando a vitória do amor cósmico, o domínio da agressividade e a paixão. Lilás representa Saturno, mostrando a dissolução do excesso

de rigor e seriedade, a conquista da consciência plena e o desenvolvimento da percepção sutil. Azul representa Vênus, revelando que a dificuldade de expressão foi superada, em prol do bom relacionamento com os entes queridos. Verde representa Mercúrio, mostrando a divisão e a indecisão sendo vencidas pelo equilíbrio entre os opostos. E, por fim, o branco representa a Lua; a queda deste último véu mostra a imaginação transformada em pensamento criativo e pureza interior.

O caráter de Ishtar sintetiza a complexidade da natureza venusiana, sendo a personificação do princípio feminino. Em suas formas variadas e mutantes, Ishtar desempenha as múltiplas possibilidades da essência feminina, a beleza da dança, o encanto da sensualidade, o poder hipnótico e de sedução, a capacidade de desapego e transformação, a revelação dos mistérios, o uso da magia e o alcance da sabedoria. ✨



## Posta-restante

por Maria Amaziles

Maria,

A beleza do céu noturno é como néctar, atraindo a alma da humanidade ao Meu encontro. Zelando pelo brilho de cada estrela, acolho todo gesto que indaga o Amor. E há de chegar o momento, a que chamam despertar, quando a criação alcançar a relembração de que a Luz é uma só, embora sejam tão múltiplos os seus reflexos. Assim, também chegará o instante precioso onde seu coração acolherá a compreensão de que, reconhecendo a minha Luz em seu âmago, você irá se apropriar de um brilho incomum, diamante de rara grandeza. Essa é a firmeza de que tanto se fala, aquela certeza inabalável que dispensa qualquer avaliação externa, tantas vezes limitante e traiçoeiramente dominadora.

Todavia, como o equilíbrio é consorte da harmonia, lembre-se sempre que luz e sombra são pares de dança: onde há luz intensa, também está

presente a possibilidade do mergulho na escuridão. Quanto mais brilhar a sua estrela, mais fundo será o mergulho que proverá o nível de consciência necessário para manter essa luz. Ainda assim, não dê guarida ao medo, pois, embora aterradora, uma escuridão atroz também pode ser prenhe de sábias revelações.

Nos mergulhos aos subterrâneos da alma, deixe-se guiar pelo Amor, na conquista da sabedoria e da compreensão dos ciclos da vida e da natureza. Eu, que sou a Condutora das Estrelas, trarei o orvalho do conforto quando você se dispuser a abrir o próprio útero no parto de si mesma, revigorando a força imprescindível a todo movimento transformador.

Sabendo-se filha Minha, permita-se brilhar plenamente, honrando também a luz que pulsa em cada ser, pois cada qual tem, por direito filial, seu devido espaço na via estelar da criação!

Em perfeito e radiante Amor,  
Aquele que é.



## Arte na vida Liberação

Para onde vou quando danço?

Danço, não canso! Tambor no corpo batendo meu ritmo infinito, que circula, gira, vai...

Vou lá, lá no lugar que sei que já fui, ou vim.

No fogo quente da fogueira, nos pés descalços, poeira da terra, nos lugares verdes e molhados, cheirosos de perfume de Mãe.

Lá, está a vida, pelo menos a vida que reconheço...

Sou de lá e toda vez que danço é para onde vou...vão...vão...

Meu coração transborda, meu coração está na roda deste círculo de emoção, que move, gira tudo, muda transforma e trás de volta de outras dimensões momentos marcados, cravados esculpidos na minha memória remota, torta, sem direção.

Completo, cheio de plenitude e de amor, meu ser se eleva, sobe, desce, tropeça, engasga. Emoção!

Sensação de como era bom viver neste colo que é meu solo, minha terra meu chão!

Mônica Rivera



## Tome uma atitude sustentável

Por Clara Barreiro

Bons companheiros, os livros perpassam nossa vida, além de objetos de conhecimento e entretenimento. Como toda informação, necessita circular e chegar às mãos do maior número de interessados. Qual de nós não ganhou um deles e admirada, respondeu agradecida que era isso mesmo que precisava? Alguns fazem parte de nosso acervo permanente, outros apenas uma leitura é o suficiente. Outros ainda necessitam de várias leituras para começar a ser decifrado. Para quem quer desfazer-se deles, muitos locais podem recebê-los. Há bibliotecas públicas em quase todas as regiões administrativas, além de escolas onde sempre serão bem-vindos. O Instituto Nacional do Livro (INL), na 506 sul, além da biblioteca da Universidade de Brasília, no campus da Asa Norte, recebem doações e encaminham a outras bibliotecas conveniadas, quando as obras distinguem-se de seu acervo. Experiência pioneira na cidade, o Açougue Cultural T-Bone, na 312 norte, mantém em sua calçada um acervo para empréstimo. Criou também o Parada Cultural, projeto que disponibiliza livros em 36 pontos de ônibus da w-3 norte. Muitos sebos compram e trocam, e há um expressivo número deles na cidade. Há um conglomerado deles no endereço [www.estantevirtual.com.br](http://www.estantevirtual.com.br), bastante confiável e com preços acessíveis. Contribua com o planeta doando, trocando e/ou comprando livros de segunda mão. A vida agradece!



## Mãe Terra

«Pode jogar no mato»

Fiz, recentemente, uma reforma na parte elétrica da minha casa. É uma casa antiga e a fiação já estava colocando em risco a nossa segurança. Curtos circuitos se sucediam e a cada semana um novo cômodo ficava sem luz... No meio dessa reforma, o electricista me disse: "esse interruptor não serve mais. Pode jogar no mato"... Ohhhh... No que eu perguntei: "o quê?"... E ele respondeu: "Pode jogar no lixo".

Sim, mato e lixeira são, para ele, sinônimos.

Outra história: Uma grande amiga minha investigou, em sua dissertação de mestrado, a representação social de uma floresta urbana de Recife por uma comunidade vizinha. Entrevistou diversas pessoas, de todas as idades. E o que descobriu foi incrível. O uso mais comum que se faz daquela floresta é como sanitário.

Em que momento da história da nossa civilização a floresta deixou de ser um lugar sagrado, um lugar onde há vida em abundância sob todas as formas e cores, um lugar onde o ar é puro, a água é limpa e o solo é vivo? O que foi que aconteceu para que, de repente, a floresta fosse vista como amedrontadora, abrigo de animais peçonhentos, sanitário ou lixeira? Em que momento aconteceu essa ruptura?

Ouso dizer que foi a forma encontrada para que fosse possível explorá-la, expropriá-la, subjuguá-la.

Afinal, como seria possível arrancar-lhe as riquezas se ela fosse sagrada? Era necessário que ela se transformasse em algo assustador, algo que todos desejassem que sumisse para não mais ameaçar. Derrubá-la se tornaria, então, um alívio e não um sacrilégio.

Por isso, ressacralizar a floresta, resgatar o seu valor animico, subjetivo e mágico é tão importante. Me assusta a tendência de justificar o valor da floresta pelo seu valor econômico. O slogan dos que querem conservá-la são as mais diversas possibilidades de que ela possa dar dinheiro. Explicam: temos que conservar e plantar florestas porque elas rendem xis bilhões de reais em bens e serviços, porque lá há madeira, fibras, frutos e princípios ativos que valem trilhões. Sim, esse é um viés importante para convencer aqueles cujo Deus é o cifrão. E parece que ainda são maioria! Mas o valor real da floresta está muito além disso... é ético. É o direito que os milhões de espécies que nela vivem têm de continuar vivendo e evoluindo. Tanto quanto nós. Isso é o Sagrado. Sacralizar a floresta significa o reconhecimento dessa Verdade.

Helena Maltez



## MUITO OBRIGADA!

O Circulo de mulheres da Teia de Thea agradece a todas as mulheres que participaram do ritual de plenilúnio das Deusas da Terra no dia 28 de fevereiro, e que generosamente doaram aproximadamente 160 quilos de alimentos! As doações foram entregues a Casa da Sopa.



A Casa da Sopa é uma entidade filantrópica cujo objetivo é garantir alimento às comunidades mais carentes de Brasília e entorno. São cerca de 200 voluntários que se revezam nas tarefas diárias de

cortar, lavar, descascar, co-zinhar e distribuir comida pronta, quentinha e saborosa a diversas famílias que vivem em condições de extrema pobreza.



Que as bênçãos distribuídas com estes alimentos retornem triplicadas na vida de cada uma de vocês!



Doações para a Casa da Sopa podem ser encaminhadas para SRES Quadra 10 Bloco R casa 02 - Cruzeiro Velho Tel.3233-5477



Dani Aisha



## Dicas da Clara



### OS GÊMEOS E ANITA MALFATTI



os públicos até 16 de maio no Pavilhão de Vidro.

Entrar, sentar, rodar, tocar, bater palmas, a exposição dos irmãos Gustavo e Otávio Pandolfo é festa e diversão para todos os sentidos! O retrato cotidiano das cidades mistura-se com nossa cultura popular. Para todos

Comemorando os 120 anos de nascimento de Anita Malfatti, obras em várias técnicas da paulistana que participou da Semana de Arte Moderna de 1922. Abrangendo suas várias fases e retratando a história das artes plásticas entre o fim do séc. XIX até meados do séc. XX. Até 25 de abril na Galeria 1.



Ambas as exposições no Centro Cultural Banco do Brasil, SCES trecho 2, conjunto 22, próximo a Ponte JK. Fecha as 2ª feiras.

«PARA O ARTISTA, NÃO HÁ COM EFEITO SENÃO: UMA ÚNICA RECEITA: A HONESTIDADE.»



Esse pensamento permeou a vida e a obra de Wassily kandinsky. Nele tudo é clareza. Sábio da arte moderna, erudito, filósofo, organiza sua arte com método, ligando teoria e prática. Educador e professor, seu olhar azul avançou frente a seu tempo, projetando-se muito além dele. Escrito em 1910 e publicado em 1912, DO ESPIRITUAL NA ARTE constitui deleitosa e fácil leitura para olhares além da arte, além da espiritualidade. Editora Martins Fontes.

Clara Barreiro



## Você na Teia

### Bruxa Madrinha

Por Ana Cris

Todos os contos nos falam da fada madrinha, aquela que vem ajudar a donzela a escolher suas roupas, sapatos. Encantar seus animais de estimação com canções e encantamentos, de modo que sua casa fique impecável! Tudo no seu devido lugar para o primeiro encontro, para o príncipe encantado! Eu sempre achei a fada madrinha um personagem meio fútil...sapatos, fitas, uma versão antiga de um personal style. Eu sempre gostei mais de outros contos, outras histórias, passadas de geração para geração, de mãe para filha.

Nesses não existem fadas madrinhas e sim feitiçeras, bruxas, encantadoras. Seres místicos tão fantásticos e tão humanos quanto qualquer uma de nós. Criaturas ocultas que teiam os fios do próprio destino. Mulheres às vezes dominadas por suas paixões, que mexem e remexem seus caldeirões. Ora no fogo brando do tempo, ora no fogo ardente da transformação. Às vezes são retratadas feias, às vezes de uma beleza mortal. Mas não há dúvida que se camuflam ora numa, ora noutra, ao sabor de suas intenções. Conhecem os sortilégios, as palavras mágicas, mas não se prendem muito a elas porque a verdadeira magia está muito além... A verdadeira magia está em ajudar uma criança a nascer.

Assim muitas são parteiras em lugares remotos onde não há hospital, médicos. Mas não se engane, há

muito tipos de nascimentos. Nascimentos profundos do eu interior, de idéias, sonhos e ideais. São parteiras da alma ajudam o verdadeiro eu a nascer e o protegem em seu estado inicial. Assim, muitas são benzedoras que na força da oração quebram maldições, traições e paixões desenfreadas. E no envoltório protetor de sua ladainha trazem a esperança, a fé de uma manhã nascente. Conselheiras que, ao contrário da fada madrinha, não se preocupam com a aparência externa da donzela, mas sim com sua natureza interna. Está a donzela pronta para a vida? Ou sua mente está domada de sonhos e fantasias?

Não, ela não é a estraga prazeres que nós traz ao mundo real. Ela apenas nos diz que crescer, que viver é muito, mas muito maior que um simples baile. Ela nos dirá que haverá de tudo nessa caminhada, coisas que nos surpreenderão, coisas que nos amedrontarão, coisas que nos farão rir e chorar...mas que tudo passará, não importa quão felizes estejamos ou quão lastimáveis nos encontramos. Ela nos dirá que o tempo será nosso melhor amigo e nosso pior inimigo. E que o único modo de lidar com tão volúvel amante é se deixar encantar por ele. É não dar importância a ele, deixar ele vir e ir ao sabor das brisas, marés, luas... Transformando tudo, mudando tudo, numa surpreendente constância cíclica! Ela nos dirá que na nossa espera, há muita dança, muita rodas, muito trabalho na cozinha...É por isso que eu prefiro as bruxas... a fada me colocará um belo vestido, cobrirá minhas olheiras com base e pó compacto, já a bruxa me fará ver a beleza em mim ou não, não importa. Ela me fará ver o que eu preciso ver!

Obrigada Adriana por ser minha bruxa-irmã!

## Próximo Mês

### Comemoração dos Fogos de Beltane Reverência às Deusas da Natureza

Para os antigos celtas, os Fogos de Beltane assinalavam um tempo de fartura, alegria, beleza e amor. O «Casamento Sagrado» da Deusa da Terra com o Deus da Vegetação representa a perpetuação da vida e a promessa de uma colheita abundante e feliz!

Venha resgatar a antiga sabedoria celta e celebrar a vida conosco!

30 de abril, sexta-feira

20h, na Unipaz

Aberta também para homens

Consulte a lista de material necessário para o ritual em [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)

### Ritual de Plenilúnio Celebração das Deusa do Destino As Moiras

Os romanos reverenciavam as três Moiras como *Clotho*, a tecelã, aquela que tece o fio da vida; *Lachesis*, a medidora, aquela que o avalia e o mede; e *Atropos*, a inevitável, aquela que o corta com a sua tesoura mágica.

Vamos honrar as Tecelãs dos Destinos em um ritual de cura e libertação para que possamos renovar a tecitura de nossas vidas com harmonia, graça e plenitude!

27 de maio, quinta-feira

20h, na Unipaz

Somente para mulheres

Consulte a lista de material necessário para o ritual em [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org)

## AGENDA 2010

\*30 de abril: Comemoração dos fogos de Beltane: reverência às Deusas da Natureza - *aberto também para homens*

\*27 de maio: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Destino - As Moiras

\*26 de junho: Plenilúnio e solstício: Reverência à Mãe Ancestral e aos espíritos da natureza.

\*25 de julho: Plenilúnio: Celebração das Deusas Serpentes

\*1º de agosto: Festival da colheita - *aberto também para homens*

\*24 de agosto: Plenilúnio: Celebração das Deusas do Mar

\*23 de setembro: Comemoração do Equinócio: A volta de Perséfone - *apenas para mulheres*

\*22 de outubro: Plenilúnio: Celebração da Deusa havaiana Pele

\*31 de outubro: Samhain: Celebração das Ancestrais - *apenas para mulheres*

Edição e Diagramação: Nane Silva  
Revisão: Lacy Silva

Informações: Luzia – 81481650; Nane – 96779453; Andrea - 34084065

Web: [www.teiadethea.org](http://www.teiadethea.org) [teiadethea@teiadethea.org](mailto:teiadethea@teiadethea.org)  
[deusaviva@teiadethea.org](mailto:deusaviva@teiadethea.org)

Bibliografia: «O Anuário da Grande Mãe» de Mirella Faur  
Imagens da Internet; Foto em «Mãe Terra» de Arlane Carvalho